

res por ano, é um cavalheiro absolutamente distinto e, embora possua um Rolls-Royce de 23 mil dólares, não despreza seus amigos que têm Bentleys. Por 150 dólares por dia, o sr. Zanders leva qualquer pessoa a qualquer lugar em seu grande Rolls prateado. Diplomatas usam os seus serviços, modelos posam ao seu lado, e todo dia ele recebe cabogramas do mundo todo, de pessoas que lhe pedem que as espere em Idlewild,\* no cais, na frente do hotel Plaza.

Os porteiros do East Side de Manhattan o conhecem. Os motoristas de táxi buzina para ele. Seu Rolls pára o trânsito. Para onde ele vai com seu Rolls-Royce, é observado por sonhadores — como ele próprio.

Roosevelt Zanders, que nasceu pobre, há 45 anos, em Ohio, sonhava com o dia em que teria um carrão. Ele trabalhou numa farmácia, num vestiário, num hotel — sempre poupando. Dez anos atrás ele já tinha economizado o bastante para comprar um Cadillac. Decidiu se tornar chofer — um chofer de luxo, que realizasse os sonhos e caprichos de pessoas com pretensões de elegância. Seu primeiro cliente foi a falecida Gertrude Lawrence. Ela gostou de Zanders e falou de seu charme e eficiência às amigas. Outras celebridades passaram a contratá-lo para ocasiões especiais, e a certa altura ele já era dono de cinco Cadillacs e de uma próspera empresa que oferecia o tipo de serviço em que ele se especializara.

Mas ele ainda não realizara o sonho de sua meninice. Ele queria um Rolls-Royce feito sob encomenda; há três anos ele o encomendou. Ele recebeu o carrão dois anos atrás. Forrado com tapetes de peles, o Roll tem dois aparelhos de som de alta-fidelidade e um macaco do tamanho de um lutador anão. Há noites,

\* Idlewild: antigo nome do aeroporto John Fitzgerald Kennedy, em Nova York (N. T.)

porém, em que o sr. Zanders está cansado demais para dirigir. Então Bob Clarke, seu chofer, assume o volante, e ele relaxa no banco de trás.

Todos os dias as salas dos tribunais de Foley Square, em Nova York, sofrem a invasão de um curioso grupo de espectadores. Sua onipresença (e capacidade de encontrar lugares para sentar) lhes valeu uma brilhante carreira em que se destacam pela capacidade de prever a decisão do juiz. Eles podem ser vistos todos os dias vagando de tribunal em tribunal, examinando júris, avaliando os advogados, citando ousadamente Cardozo,\* pronunciando sentenças uns para os outros.

“Os aficionados dos tribunais são, em geral, aposentados que não têm o que fazer”, disse William Higgins, um homem de 77 anos que também faz parte desse grupo. “Então a gente vem aqui e assiste aos julgamentos. É interessante e instrutivo. Evita aborrecimentos. Só um trouxa vai ao cinema; nós vamos aos tribunais e vemos atores de carne e osso.”

Existe um “efetivo” de uns cem aficionados em Foley Square. Em geral eles se conhecem, almoçam juntos, e são *connaisseurs* de martelos de juiz. Mas as pessoas desse grupo não costumam freqüentar o mesmo tipo de tribunal.

Os aficionados da Vara Federal procuram apenas os processos federais, e pouco têm a ver com os aficionados da Jurisdição Plena, que gostam de casos de assassinato, estupro e assalto.

Há também os aficionados do Supremo Tribunal, que ainda se dividem entre os que apreciam os casos de divórcio, acidentes e negligência.

\* Benjamin Nathan Cardozo (1870-1938): escritor e jurista que atuou na Suprema Corte americana.